



é a nova associada da Fenavist

Entidade representa as Empresas de Gerenciamento de Riscos e de Tecnologia de Rastreamento

Desde janeiro, a Associação Brasileira das Empresas de Gerenciamento de Riscos e de Tecnologia de Rastreamento (GRISTEC) faz parte das entidades associadas à Federação Nacional das Empresas de Segurança e Transporte de Valores (Fenavist). A nova associada soma-se aos 29 sindicatos estaduais e a outras quatro associações filiados à principal entidade de classe da segurança privada brasileira.

A chegada da GRISTEC é reflexo do trabalho de excelência desenvolvido pela Fenavist nos últimos 37 anos e mostra ainda o compromisso da entidade em representar todos os que atuam no segmento. O gerenciamento de riscos logísticos tem ganhado cada vez mais relevância no Brasil e, por consequência, na segurança privada.

A filiação da GRISTEC também reflete o novo momento vivido pelo setor após a entrada em vigor da Lei nº 14.967/2024. O Estatuto da Segurança privada ampliou as áreas de atuação e tornou a atividade ainda mais completa.

O mercado de rastreamento, telemetria e gerenciamento de riscos tem se consolidado como um importante aliado do setor de segurança privada, especialmente no contexto do transporte rodoviário de cargas. Cada vez mais integrado a esse ecossistema, o segmento contribui de forma decisiva para a prevenção de acidentes, a mitigação de riscos operacionais e a preservação de vidas, reforçando seu papel estratégico na proteção de pessoas, bens e operações logísticas em todo o país.

“Temos o orgulho de anunciar que a GRISTEC passa a integrar oficialmente a Federação Nacional das

Empresas de Segurança e Transporte de Valores, uma das principais entidades representativas do setor de segurança privada no Brasil. Essa associação reforça o compromisso da GRISTEC com o fortalecimento institucional do mercado, o diálogo técnico com entidades estratégicas e a construção de soluções cada vez mais integradas para a segurança logística, o rastreamento e o gerenciamento de riscos. Seguimos ampliando nossa atuação, conectando tecnologia, gestão e representatividade em prol de um setor mais forte, ético e preparado para os desafios do presente e do futuro”, afirmou a GRISTEC em comunicado nas redes sociais.

A entidade considera que, ao integrar a Federação, reforça o compromisso com o diálogo técnico qualificado; a defesa de boas práticas no gerenciamento de riscos; a integração entre tecnologia, rastreamento e segurança privada; e o fortalecimento do setor de forma ética, responsável e colaborativa.

A chegada da nova associada é motivo de orgulho para a Fenavist. “Uma entidade forte se constrói pela solidez de sua base, que são os seus associados. A GRISTEC é uma associação de grande relevância nacional, representando serviços diretamente conectados com a segurança privada, especialmente neste momento de implementação do Estatuto da Segurança Privada. Para nós, é motivo de orgulho e grande responsabilidade termos sido escolhidos para representá-la perante os Três Poderes, os órgãos reguladores e fiscalizadores, além de toda a sociedade. Tenho plena convicção de que a chegada da GRISTEC fortalece a nossa Federação e amplia a nossa capacidade de atuação institucional”, explica o presidente da Fenavist, Jeferson Nazário.

Entre vista

BRUNA MEDEIROS
PRESIDENTE DA GRISTEC



A Associação Brasileira das Empresas de Gerenciamento de Riscos e de Tecnologia de Rastreamento (GRISTEC) é mais nova associada da Federação Nacional das Empresas de Segurança e Transporte de Valores (Fenavist). Para entender a importância dessa filiação e conhecer um pouco mais sobre o setor de gerenciamento de riscos a Revista Fenavist conversa com exclusividade com a presidente da GRISTEC, Bruna Medeiros.

A GRISTEC acaba de se filiar à Fenavist, entidade que representa o setor de segurança privada em todo o país. Qual a importância dessa aproximação institucional para as empresas de gerenciamento de riscos, rastreamento e monitoramento?

A filiação à Fenavist representa um avanço muito significativo para o nosso setor. Passamos a estar inseridos de forma mais estruturada dentro do ecossistema da segurança privada, o que fortalece a atuação das empresas de gerenciamento de riscos, rastreamento e monitoramento.

Esse movimento contribui diretamente para a formalização do segmento, trazendo mais reconhecimento, notoriedade e relevância institucional. O Estatuto da Segurança Privada já havia sido um marco importante nesse processo, e, agora, com a filiação, consolidamos isso de forma ainda mais clara e legítima.

O gerenciamento de riscos logísticos e securitários tem ganhado cada vez mais relevância no Brasil. De que forma as tecnologias de rastreamento, telemetria e monitoramento contribuem hoje para fortalecer a atuação das empresas de segurança privada?

Embora seja um mercado novo, com cerca de 30 anos, ele surge justamente para suprir lacunas estruturais, em apoio à proteção de ativos móveis, como veículos leves, cargas e frotas.

As tecnologias de rastreamento, telemetria e monitoramento permitem não apenas a mitigação de riscos,

mas também uma atuação integrada com a segurança pública. As empresas do setor geram dados e inteligência que contribuem diretamente com investigações e com um deslocamento mais eficiente das forças policiais.

Além disso, proporcionamos uma capilaridade que o Estado, sozinho, não conseguiria alcançar. Estamos presentes em diversos pontos do território, atuando como olhos em campo, apoiando a identificação de ocorrências e contribuindo para respostas mais rápidas e assertivas.

Esse cenário fortalece o papel da segurança privada e amplia as possibilidades de profissionalização, capacitação e desenvolvimento do setor.

A integração entre segurança privada e soluções tecnológicas de gestão de riscos é cada vez mais necessária. Como a senhora avalia essa convergência e quais benefícios ela pode trazer para a proteção de cargas, patrimônios e pessoas?

Essa integração não é apenas importante, ela é indispensável, pois não existe mais espaço para atuação isolada.

As empresas de gerenciamento de riscos e rastreamento estão na ponta, acompanhando o que acontece em tempo real. Isso permite gerar informações estratégicas, essenciais para apoiar a segurança pública no combate ao crime.

Quando há essa integração, conseguimos orientar melhor os esforços. A iniciativa privada monitora, analisa e antecipa riscos, enquanto o poder público atua de forma mais estratégica em áreas em que a necessidade é maior. Essa união é fundamental para aumentarmos a segurança e a eficiência do trabalho de todos os integrantes das áreas de segurança, nessa cadeia.

O resultado é um sistema mais eficiente, com maior capacidade de prevenção, proteção e resposta, favorecendo não apenas as empresas, mas a população, de forma geral.

A recente Lei nº 14.967/2024, que institui o Estatuto da Segurança Privada, representa um marco regulatório histórico para o setor. Na avaliação da GRISTEC, de que maneira essa nova legislação impacta ou fortalece a relação entre as empresas de tecnologia de monitoramento e o segmento de segurança privada?

A nova legislação fortalece diretamente o setor ao reconhecer formalmente as empresas de gerenciamento de riscos e rastreamento como parte da segurança privada.

Esse reconhecimento valoriza a contribuição que já vinha sendo feita há anos, especialmente no fornecimento de dados e informações estratégicas que apoiam a segurança pública.

Essa lei traz também mais clareza, organização e, principalmente, legitimidade para a atuação das empresas, o que contribui para o amadurecimento e fortalecimento de todo o segmento.

A atividade de segurança privada no Brasil é regulada e fiscalizada pela Polícia Federal. Na opinião da senhora, como a evolução dos mecanismos regulatórios pode contribuir para ampliar a segurança jurídica e incentivar a adoção de novas tecnologias no gerenciamento de riscos?

A evolução dos mecanismos regulatórios tende a elevar o nível do setor. Com base em regras mais claras, as empresas organizam-se, adaptam-se e buscam a conformidade necessária para atuar.

Isso gera maior segurança jurídica, fortalece o ambiente de negócios e contribui para a profissionalização do mercado.

Além disso, a proximidade com a Polícia Federal permite melhor entendimento das demandas e das necessidades da segurança pública. Esse alinhamento é fundamental, porque o nosso trabalho só se completa quando há integração com o poder público.



“o setor deve passar por um processo de profissionalização ainda mais intenso, demandando novos perfis de profissionais, mais bem qualificados e preparados para lidar com análise de dados e inteligência operacional”

Atuamos diretamente com transporte de cargas, mobilidade e segurança, e só conseguimos entregar um serviço mais eficiente quando existe essa conexão estruturada.

O Brasil enfrenta desafios significativos em termos de roubo de cargas e vulnerabilidades logísticas. Como as soluções de inteligência operacional e análise de dados têm ajudado as empresas a antecipar riscos e reduzir perdas?

O Brasil ainda apresenta um cenário bastante desafiador quando falamos de segurança logística. Além do risco de roubo de cargas, existem diversas vulnerabilidades estruturais, como condições de estradas, falta de pontos seguros de parada e exposição constante dos motoristas durante as viagens.

Diante desse contexto, as soluções de inteligência operacional e análise de dados passaram a ter um papel central na gestão de riscos.

Hoje, as empresas contam com tecnologias que permitem o monitoramento em tempo real de toda a operação. Isso possibilita não apenas reagir a incidentes, mas principalmente antecipar situações de risco. Com base em análise de dados históricos, padrões de ocorrências e comportamento das rotas, é possível identificar regiões mais críticas, horários de maior exposição e perfis de risco nas operações.

Além disso, o trabalho começa antes mesmo da viagem. Há uma análise criteriosa do embarque, incluindo verificação de documentação, condições do veículo,

perfil do motorista e requisitos mínimos de segurança. Essa etapa preventiva já reduz significativamente a probabilidade de falhas ao longo do trajeto.

Durante a operação, o acompanhamento é contínuo. As tecnologias permitem identificar desvios de rota, paradas não programadas, abertura indevida de compartimentos, desengate de carretas, perda de sinal de rastreadores e outras não conformidades. Com esses alertas, as equipes de gerenciamento de riscos conseguem atuar de forma rápida e focada.

Outro ponto importante é o uso de sensores e soluções específicas para diferentes tipos de carga. No caso de cargas sensíveis, como medicamentos, alimentos ou produtos químicos, o controle de variáveis como temperatura e integridade é essencial. Uma falha nesse processo pode gerar não apenas prejuízo financeiro, mas impactos diretos à saúde pública e à cadeia produtiva.

Também é possível orientar motoristas em tempo real, indicando rotas mais seguras, pontos adequados de parada e ajustes na condução da viagem, o que aumenta significativamente o nível de proteção.

Dessa forma, toda essa estrutura permite que o gerenciamento de riscos deixe de ser apenas reativo e passe a ser cada vez mais preditivo. Ou seja, a atuação acontece antes que o problema se concretize.

Com isso, as empresas conseguem reduzir perdas, aumentar a segurança dos motoristas, proteger as cargas e contribuir para uma operação logística mais eficiente e segura.

A transformação digital tem acelerado a adoção de ferramentas como inteligência artificial, análise avançada de dados e sistemas integrados de monitoramento. Como essas tecnologias devem redefinir o setor nos próximos anos?

A evolução tecnológica já está acontecendo em um ritmo acelerado, e a tendência é que ela transforme profundamente o setor.

A inteligência artificial e a integração de dados devem aumentar de modo significativo a capacidade de análise e reduzir a dependência de processos manuais e falhas humanas, especialmente em ambientes com grande volume de informações e alertas.

Isso permitirá uma atuação mais estratégica, com maior assertividade na identificação e mitigação de riscos.

Ao mesmo tempo, o setor deve passar por um processo de profissionalização ainda mais intenso, demandando novos perfis de profissionais, mais bem qualificados e preparados para lidar com análise de dados e inteligência operacional.

O futuro aponta para um gerenciamento de riscos mais inteligente, preditivo e eficiente.

Com a aproximação entre GRISTEC e Fenavist, que iniciativas conjuntas podem surgir para fortalecer o setor, promover boas práticas e ampliar o diálogo com o poder público e a sociedade?

Essa aproximação abre espaço para uma série de iniciativas conjuntas, como eventos, fóruns de discussão, capacitações e troca de experiências entre os setores.

A Fenavist possui uma trajetória consolidada dentro da segurança privada, com forte representatividade e relacionamento institucional, o que pode contribuir muito para o desenvolvimento das empresas de gerenciamento de riscos.



Ao mesmo tempo, a GRISTEC pode levar as demandas específicas do setor para dentro desse ambiente, ampliando o diálogo com o poder público.

Essa troca tende a acelerar o processo de adaptação das empresas, fortalecer boas práticas e ampliar a representatividade do segmento.

Olhando para o futuro, como a senhora enxerga essa integração crescente entre segurança privada, tecnologia e gestão de riscos no Brasil, e qual papel entidades como a GRISTEC e a Fenavist podem desempenhar nesse processo?

A integração entre segurança privada, tecnologia e gestão de riscos é essencial e tende a se intensificar nos próximos anos.

Esse movimento é fundamental para elevar o nível de qualidade dos serviços, ampliar a eficiência das operações e fortalecer a segurança no país.

Nesse contexto, entidades como a GRISTEC e a Fenavist têm um papel estratégico. São elas que acompanham as mudanças regulatórias, dialogam com o poder público e orientam as empresas sobre o melhor modo de se adaptar e evoluir.

Somado a isso, atuam como representantes do setor, levando demandas, contribuindo para a construção de políticas e garantindo que as empresas estejam alinhadas com as exigências legais e com as necessidades do país.